

A DISPUTA DA VERDADE SOBRE O CORPO ENTRE AS CIÊNCIAS?

Será que podemos estudar as “coisas do corpo” rompendo com a disputa da “verdade” entre as ciências Biológicas e Humanas?

Professor Rogério Rodrigues | rogerio@efei.br
Universidade Federal de Itajubá - São Paulo - Brasil

Data de submissão_11-04-05 | Data de aprovação_06-07-05

RESUMO

Entre as diversas áreas do conhecimento há uma certa vontade de estabelecer-se a hegemonia entre as diversas ciências para se definir “quem pode mais” no sentido de afirmar a “palavra final”, mais propriamente, “a verdade”. Não é diferente quando se trata das “coisas do corpo”, pois não podemos deixar de considerar que nas pesquisas sobre este objeto também existe campo de disputa, principalmente, entre as Ciências Biológicas e Ciências Humanas. O nosso objetivo neste estudo será o de romper com a disputa entre os campos de estudos das Ciências Humanas e Biológicas e aponta-las como lugares de estudos imprescindíveis na formação do graduado em Educação Física. Para alcançarmos essa conclusão, o nosso método de estudo será uma reflexão inserida no campo da filosofia, no sentido de obtermos algumas conexões com a Educação Física e, principalmente, com a concepção de homem, corpo e mundo, que nesta se faz presente. Esperamos que com esses apontamentos de pesquisa possamos incentivar os estudos no campo das Ciências Humanas e Biológicas numa perspectiva de tolerância recíproca.

Acreditamos que somente nesta perspectiva teórica de estudo é que se desperta o interesse nos estudos das “coisas do corpo” sem reducionismo do sujeito ao biológico e, muito menos, ao campo do ideológico.

Palavras-chave:

Educação Física; Educação do Corpo; Educação; Filosofia.

ABSTRACT

Could we study “the body things” breaking the “truth” dispute between the biological and the human sciences?

In several knowledge areas there is a certain will of establishing itself the hegemony among the diverse sciences to define “who is more able” in the sense of affirming the “final word”, more properly, “the truth”. It is not different when the matter is “the body things”, because we can't leave of considering that, in the researches about this object, a field of dispute also exists, mainly, between the Biological Sciences and Human Sciences. Our objective in this study it will be to break with the dispute among the fields of study of the Biological and Human Sciences and to point then as places of indispensable studies in the graduate formation of Physical Education. To achieve this conclusion, our approach of study will be a reflection inserted in the philosophy field, in the sense to obtain some connections with the Physical Education and, mainly, with the man conception, body and world, that is present in this notion. We expect that with these notices of research we can be able to encourage the studies in the Biological and Human Sciences field in a perspective of reciprocal tolerance. We believe that only in this theoretical perspective of study is that awakes the interest in the studies of the “body things”, without the subject reduction to the biological one, and, at least, to the ideological field.

Key word:

Physical education; Education of the Body; Education; Philosophy.

OPINIÃO

Não podemos deixar de considerar que entre as diversas áreas do conhecimento os praticantes de ciência possuem uma certa vontade de estabelecer sua hegemonia da “verdade”. Observamos que entre os diversos discursos científicos, que se fazem presentes sobre o objeto da pesquisa, apenas um intitula-se como aquele que **verdadeiramente** dominou por completo todas as vicissitudes deste objeto. Sendo assim, no campo científico se estabelece uma disputa de “quem pode mais” para afirmar a “palavra final”, mais propriamente, “a verdade”. Isso não é diferente, quando se trata de pesquisas sobre as “coisas do corpo”¹, pois neste estudo também existe uma disputa, principalmente, entre as Ciências Biológicas e Ciências Humanas para definir a “verdade” sobre o homem. De um lado temos aqueles que são os defensores do “biológico” afirmando que o homem é determinado pela genética, por seu conjunto de células, hormônios, músculos, nervos. Por outro lado temos aqueles que idolatram a chamadas “Ciências Humanas” e também não deixam de afirmar suas “verdades” que, de um modo geral, declaram que o homem é o resultado do “social”, do “ideológico”, das “lutas de classes”. Entretanto, estas disputas sobre a “verdade” a respeito do homem, já não estaria na hora de abandoná-las? Querer dizer que a “verdade” sobre o homem está para lá ou para cá, já não seria uma perda de tempo naquilo que denominamos como sendo pesquisa científica?

Mesmo para aqueles que acreditam no reducionismo biológico, como a verdade estabelecida, valeria a pena saber que uma determinada concepção de ho-

mem é algo construído historicamente e, portanto, mesmo o desejo de um exclusivo “olhar biológico” sobre o homem é condicionado pelas “lentes teóricas” das Ciências Humanas. O mesmo valeria para aqueles que também acreditam no reducionismo das “ciências humanas”, pois por mais que se diga que o homem é resultado das “relações sociais” e, primordialmente, de uma construção histórica, seria de bom grado que não se esquecessem que este homem que se movimenta e realiza a “práxis” é constituído a partir de um complexo conjunto que envolve coisas do biológico: ossos, músculos, sangue, nervos, etc. Sendo assim, quando se trata do homem não deveríamos buscar estabelecer uma hegemonia entre aquilo que é estritamente das Ciências Biológica ou das Ciências Humanas e sim compreendê-lo como uma “mistura” onde nunca se sabe em que lugar a “verdade” sobre as “coisas do corpo” se encontra, pois estará ora de um lado, ora de outro. Portanto, já não seria “hora de aceitar que a verdade esteja no meio? Ou seja, que somos uma complexa e indissociável mistura de carne, palavras e imagens, em que não vem ao caso decidir qual dos três pode mais? Um pouco de humildade não faria mal a ninguém”². Que tipo de humildade seria essa? Uma humildade em reconhecer que não se pode a partir de uma única ciência alcançar a totalidade sobre as “coisas do corpo”. **A humildade em reconhecer que sabe que não sabe!**

Uma pergunta que nos fazemos neste momento: por quais motivos temos um anseio em afirmar a “verdade”? Quando se trata das “coisas do corpo” a nossa “vontade de saber” poderá estar muito mais motivada por uma “vontade de controle” sobre esse homem animal/cultural que “somos e não somos”. Esse fato a busca pelo controle sobre o homem deve ter sido um agravante para a disputa pela “verdade” sobre o ser que se movimenta corporalmente. Queremos *a priori* estabelecer um corolário de regras para minimamente saber para onde ele vai e o que lhe será permitido fazer. No plano do biológico, o tratamos como um animal instintivo que atua condicionado por impulsos elétricos lançados em seus músculos e no plano do social o tratamos

como um animal cultural que faz apenas tudo igual ao que os outros fazem, pois também *atua* condicionado, não dessa vez por **impulsos elétricos** e, sim, por *desejo* ou, neste caso, mais propriamente, por **impulsos das “paixões das almas”**³. Como podemos observar em relação às “coisas do corpo” ocorre uma disputa entre o natural e o cultural. Até mesmo concebemos que nos estudos sobre as “coisas do corpo” seja um ponto de encontro entre a “natureza” e a “cultura”. Neste aspecto que teríamos certa dificuldade, pois apesar de ser um objeto que, na sua especificidade é o encontro entre a “natureza” e a “cultura”, metodologicamente, em insistimos em estudá-lo como sendo estritamente ora “biológico” ora “sociológico”. Apesar dessa evidente separação metodológica, podemos nos perguntar onde estaria a origem desta **vontade de verdade** entre as diversas “ciências” para se estabelecer a “a palavra final” sobre as “coisas do corpo”.

Partimos da hipótese de que a origem dessa disputa sobre as “coisas do corpo” ocorre pelo fato de que nenhuma ciência conseguiu realmente “conquistar” a “verdade” sobre o homem, pois por mais que se tente encontrar ali a “totalidade” sempre alguma coisa escapa, portanto “tudo o que o filósofo declara sobre o homem, no fundo, não passa de testemunho sobre o homem de um espaço de tempo *bem limitado*. Falta de sentido histórico é o defeito hereditário de todos os filósofos; inadvertidamente, muitos chegam a tomar a configuração mais recente do homem, tal como surgiu sob a pressão de certas religiões e mesmo de certos eventos políticos, como a forma fixa de que se deve partir. Não querem aprender que o homem veio a ser, e que mesmo a faculdade de cognição veio a ser (...) tudo veio a ser; *não existem fatos eternos*: assim como não existem verdades absolutas.

Portanto, o *filosofar histórico* é doravante necessário, e com ele a virtude da modéstia⁴.

Percebemos que o estudo sobre o corpo é um campo de difícil demarcação para se estabelecer as marcas do conhecimento científico como sendo um território definitivamente conquistado. Perguntamo-nos até se entre todos os campos da ciência existe algum que tenha definitivamente conquistado a “verdade”,

a “palavra final” e seja aquele que “pode mais”? Sendo assim, podemos considerar que “a verdade” seria algo próprio de um **mito científico**. Entretanto, este **mito científico**, basicamente, a conquista da “verdade” sobre as “coisas do corpo”, produziu seus efeitos ao iludir os pesquisadores de que seria possível afirmar definitivamente algo sobre esse objeto pautado em seus paradigmas de estudos. Para romper com esse **mito** é preciso a **humildade de reconhecer que não se pode saber tudo e que a relação de pesquisa encontra-se num terreno de difícil acesso ao conhecimento**. No que diz respeito a essa dificuldade de pesquisar as “coisas do corpo”, Marcel Mauss em um texto de 1936 intitulado “As técnicas corporais” afirmava que “Quando uma ciência natural faz progressos, é sempre no sentido do concreto, e sempre em direção ao desconhecido. Ora, o desconhecido encontra-se nas fronteiras das ciências, ali onde os professores ‘devoram-se entre si’, como diz Goethe (digo devorar, mas Goethe não é polido assim). Geralmente, é nesses domínios mal partilhados que jazem problemas urgentes. Aliás, esses terrenos baldios trazem uma marca. Nas ciências naturais, tais como elas existem, encontra-se sempre uma rubrica indigna. Há sempre um momento em que, não estando ainda a ciência de certos fatos reduzida a conceitos, não sendo tais fatos sequer agrupados organicamente, implanta-se sobre essas massas de fatos a baliza de ignorância: “diversos”. É aqui que cumpre penetrar. **Estamos certos de que é aqui que há verdades a descobrir: inicialmente, porque sabemos que não sabemos**, e também porque tem-se o sentimento vivo da quantidade de fatos⁵.”

Esse é o ponto primordial **sabemos que não sabemos** que uma vez assumido por aqueles que pesquisam as “coisas do corpo” poderia amenizar a disputa e levar estes pesquisadores a uma atitude mais branda em relação à “verdade” e por conseqüência, em vez de distanciamento ocorreria um processo de aproximação entre as Ciências Biológica e Humana e no caso do estudo das “coisas do corpo” uma aproximação entre a “natureza” e a “cultura”. Dever-se-ia levar mais em conta o indicativo de Mauss sobre

as dificuldades em se pesquisar as “coisas do corpo” pelo fato da própria especificidade do objeto, que não se pode determinar a qual ciência pertence. Um outro ponto que tem tornado o estudo do corpo um lugar não demarcado no campo da ciência é que este possui a característica de ser um “gueto”, ou seja, ninguém entra ou sai facilmente. Vamos a partir de Pierre Bourdieu detalhar por qual motivo o corpo seria um “gueto”. Este autor referindo-se aos problemas do surgimento de uma “sociologia do esporte” afirma que “parte dos obstáculos para uma sociologia científica do esporte deve-se ao fato de que os sociólogos do esporte são de algum modo duplamente dominados, tanto no universo dos sociólogos quanto no universo do esporte. Como seria muito demorado desenvolver essa afirmação um pouco brutal, procederei, à maneira dos profetas, mediante uma parábola. Ontem à noite, em uma discussão com um de meus amigos, o sociólogo americano Aaron Cicourel, soube que os grandes atletas negros, que nos Estados Unidos em geral são pagos por grandes universidades, como a Universidade de Stanford, vivem numa espécie de **gueto dourado**, pelo fato de as pessoas de direita não falarem de bom grado com os negros e as de esquerdas não falarem de bom grado com os esportistas. Se refletirmos sobre isso, desenvolvendo-lhe o paradigma, talvez encontremos aqui o princípio das dificuldades particulares que a sociologia do esporte encontra: desdenhada pelos sociólogos, ela é desprezada pelos esportistas. A lógica da divisão social do trabalho tende a se reproduzir na divisão social do trabalho científico. Assim, de um lado existem pessoas que conhecem muito bem o esporte na forma prática, mas que não sabem falar dele, e, de outro, pessoas que conhecem muito mal o esporte na prática e que poderiam falar dele, mas não se dignam a fazê-lo, ou o fazem a torto e a direito. [...]”⁶. Como fazer para que as “coisas do corpo” deixem de ser um **gueto**, ora dos biólogos, ora dos sociólogos de plantão? Uma saída seria a de que os pesquisadores abandonassem suas linhas de defesas nas quais se encontram entinchados em seus axiomas e paradigmas e, de uma vez por todas se defrontassem com a especificidade, para não dizer, complexidade

que é estudar as “coisas do corpo”. Não podemos deixar de considerar que este possui uma especificidade do encontro entre a “natureza” e “cultura” e que de certa forma é preciso romper como os “efeitos da divisão do trabalho entre os teóricos e os práticos no interior do campo científico”⁷. Na pesquisa sobre as “coisas do corpo” uma “linha de fuga” para se romper com a separação entre “natureza” e “cultura”; teoria e prática ou na disputa entre o “biológico” e “sociológico” seria o fato de que os pesquisadores pudessem enfrentar esse objeto na radicalidade, para tanto, bastaria, por exemplo, responder em toda sua profundidade perguntas que se fazem presentes em nosso cotidiano, qual seja: como ensinar algo ao corpo? Para Pierre Boudieu “os problemas colocados pelo ensino de uma prática corporal me parecem encerrar um conjunto de questões teóricas de importância capital, na medida em que as ciências sociais se esforçam por fazer a teoria de condutas, que se produzem, em sua grande maioria, aquém da consciência, que se aprendem, pode-se dizer, por uma comunicação silenciosa, prática, corpo a corpo”⁸. Diríamos que também no campo das Ciências Biológicas deveria existir um esforço de se pesquisar a “teoria de condutas” nesta comunicação silenciosa do corpo. Este tipo de educação silenciosa do corpo, de certa forma, justifica o silêncio dos esportistas, referido anteriormente, o que de certa forma os abandonam em seus **guetos de práticas e que estes realizam coisas mirabolantes com seus próprios corpos** e não conseguem explicar como fazem isso. Tal fato “deve-se em parte, quando não se é profissional da explicação, ao fato de haver coisas que não se sabe dizer, e as **práticas esportivas são essas práticas nas quais a compreensão é corporal**. Em geral, só se pode dizer: ‘Olhe, faça como eu’⁹. Esse modo de aprendizagem das “coisas do corpo” já fora apontado por Marcel Mauss o qual o denominava como sendo “imitação prestigiosa”¹⁰. Portanto, quando se “imita” algo com o corpo podemos concluir que estamos, “naturalmente” e “culturalmente”, educando-o. Infelizmente, por um provável e injustificado “complexo de inferioridade” perante o ensino “pedagógico” das outras disciplinas escolares

é interessante destacarmos que há um grande esforço da Educação Física em criar um “discurso científico” que a defina como tendo uma certa “racionalidade pedagógica” sobre a educação do corpo, que ainda insiste numa didática que ora é “biológica” ou ora é “cultural”. Quanto tempo ainda será preciso para que se conclua se realmente devemos passar pelas palavras para ensinar determinadas coisas ao corpo? A dita separação entre “natureza” e “cultura” coloca-nos num dilema quanto pesquisamos ou ensinamos coisas ao corpo e, novamente, reafirmamos que **não queremos assumir que sabemos que não sabemos**, pois tudo indica que o corpo possui uma especificidade que nos deixa perplexos, ou seja “quando se fala ao corpo com palavras, são as palavras precisas teoricamente, cientificamente, aquelas que fazem o corpo compreender melhor ou se, às vezes, palavras que não têm nada a ver com a descrição adequada do que se quer transmitir não são mais bem compreendidas pelo corpo”¹¹.

Concluindo, para se estudar as “coisas do corpo” **rompendo com a disputa da verdade entre as Ciências Biológicas e Humanas, será preciso unificar no corpo um olhar que não separe a “natureza” e “cultura”**. Um modo de compreender que no corpo encontramos uma “natureza” condicionada pela “cultura” e, simultaneamente, uma “cultura” determinada pela “natureza”. Sendo assim, esperamos incentivar uma linha de pesquisa sobre as “coisas do corpo” que tenha no campo de estudo das Ciências Biológicas uma forte influência das Ciências Humanas, assim como no campo de estudo das Ciências Humanas uma forte influência das Ciências Biológicas. Uma esperança de que com as indagações aqui expostas possa servir de estímulo e, principalmente, despertar o interesse nos estudos das “coisas do corpo” em que não haja o reducionismo do sujeito ao biológico e, muito menos, ao campo do ideológico.

CORRESPONDÊNCIA

Rua Corinto, 543 ap. 126 bloco C
Butanta - São Paulo - S. P.
Cep. 05586 - 060
Brasil

REFERENCIAS

1_DESCARTES, René (1974). *Meditações*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural.

2_CALLIGARIS, Contardo (2000). A terapia da faca e do superbonder. *Folha de S. Paulo*, Caderno 5, p. 8.

3_DESCARTES, René. *As paixões da alma* (1974). Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural.

4_NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm (2000). *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

5_MAUSS, Marcel (1974). As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e antropologia*. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EPU/EDUSP, 211.

6_BOURDIEU, Pierre(1990). Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: editora brasiliense, 207.

7_BOURDIEU, Pierre(1990). Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: editora brasiliense, 218.

8_BOURDIEU, Pierre(1990). Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: editora brasiliense, 218-9.

9_BOURDIEU, Pierre(1990). Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: editora brasiliense, 219.

10_MAUSS, Marcel (1974). As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e antropologia*. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EPU/EDUSP, 215.

11_BOURDIEU, Pierre(1990). Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: editora brasiliense, 219.